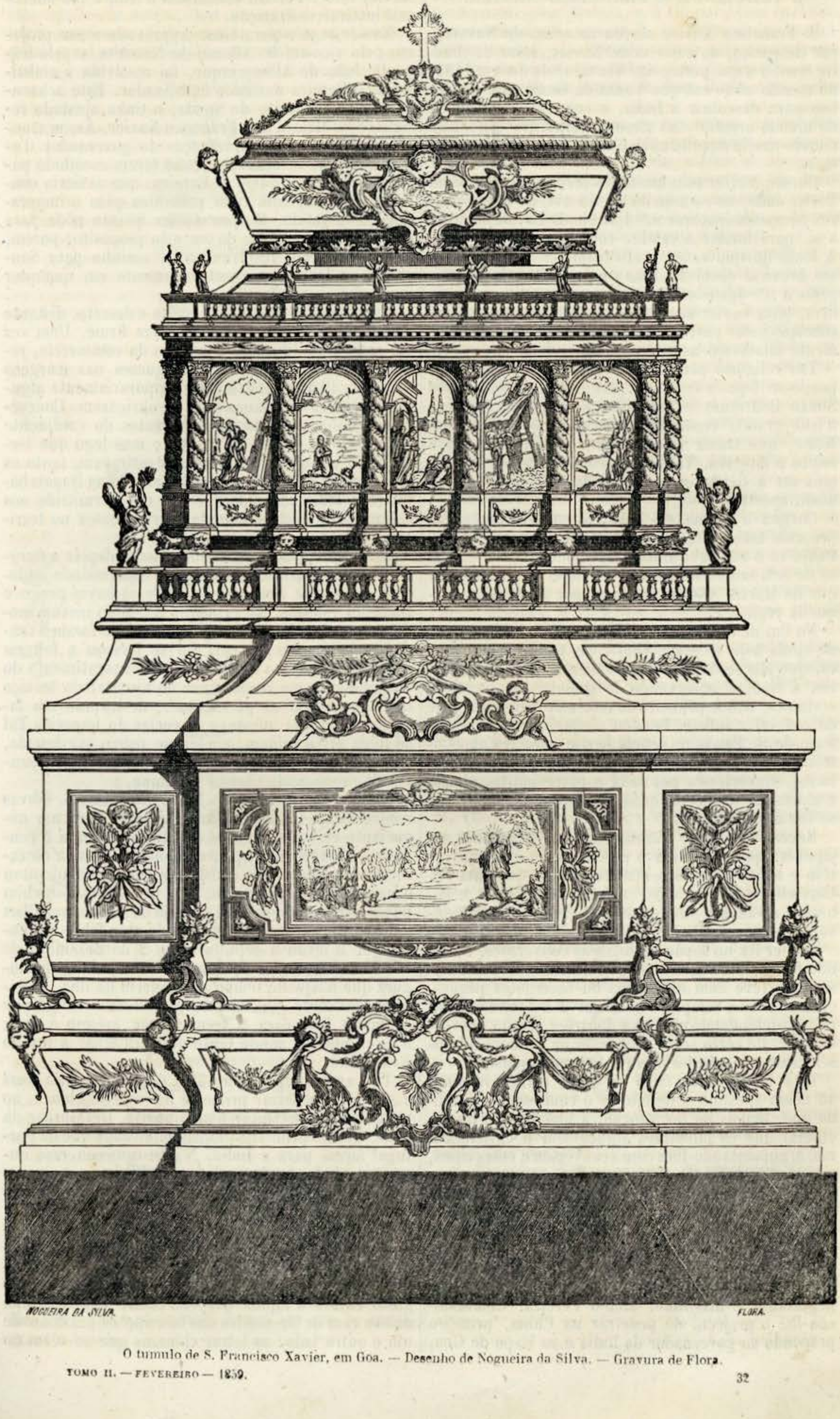


O tumulo de S. Francisco Xavier, em Goa. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Flora.

O TUMULO DE S. FRANCISCO XAVIER.

S. Francisco Xavier nasceu no reino de Navarra, em Hespanha, no castello de Xavier, solar da illustre familia a que pertencia. Viu a luz do dia em 1497, no mesmo anno em que Vasco da Gama saia de Lisboa para descobrir a India, e começar a conquista do mundo oriental, ao mesmo tempo que para esse mundo nascia aquelle novo e santo conquistador d'almas.

Cursou Xavier com muita distincção os estudos em Paris, onde, no começo do seculo XVI, foi dos primeiros companheiros que S.to Ignacio de Loyola attrahiu a si, para fundar a celebre companhia dos jesuitas. A fama do que estes praticavam na Italia chegou em breve a el-rei D. João III de Portugal, que fez pedir a S.to Ignacio lhe mandasse alguns dos seus padres, para enviar aos paizes do Oriente, recem-descobertos pelos portuguezes, e por onde tão gloriosamente dilatavam as conquistas da espada e da cruz.

Tão religioso pedido foi promptamente satisfeito, pondo-se logo a caminho para Portugal os padres Simão Rodrigues e Francisco Xavier, o qual teve n'isto grande contentamento; porque sonhára em Roma, que trazia ás costas um pesado indio, que muito o fatigava. Tal sonho, com effeito, se viu depois ser a figura ou symbolo da vida laboriosa do nosso apostolo.

Chegou a Lisboa em 1540, e tendo recebido das proprias mãos d'el-rei o breve em que o pontifice Paulo III o nomeava nuncio apostolico da India, fez-se de vela em abril do anno seguinte, na armada em que foi Martin Affonso de Sousa por governador d'aquella região.

No fim de cinco mezes chegou a Moçambique, onde ainda hoje se conservam vivas tradições do santo, que alli se demorou cinco mezes. Em 1542 aportou a Goa, e observando lá grande dissolução de costumes, tratou primeiro de reformar catholicos, que de converter infieis. Fundou n'aquella cidade o collegio de S. Paulo, e depois partiu para o Cabo Comori, Cochim, Ceilão, Meliapor, Malaca, e ilhas Molucas, convertendo por toda a parte muitas almas, e ganhando o affecto, quasi adoração, de todos que se lhe aproximavam.

Regressou a Goa, trazendo em sua companhia um japonez, que por fama o procurára, e que convertêra e baptisára com o nome de Paulo da Santa Fé. Com elle voltou de novo aos mares da China, e penetrou no Japão, onde já os portuguezes commerciavam.

Xavier fez no Japão prodigiosas conversões, e fundou florescentes christandades. Nas discussões famosas que teve com os bonzos ou sacerdotes pagãos, observou que sempre recorriam á auctoridade dos chins, pretendendo que, se a doutrina christã era verdadeira, de certo seria conhecida na China, onde as sciencias e a sabedoria eram tão cultivadas.

Esta maravilhosa fama do povo chinez inspirou ao nosso apostolo o desejo de o conhecer, esperando que, depois de ter vencido a idolatria na China, obteria que os japonezes abraçassem o christianismo, argumentando-lhes com a conversão d'esses chins, que tanta admiração lhes excitavam.

N'aquelle tempo ainda não estavamos estabelecidos em Macau, e era na proxima ilha de Sanchoão que iamos traficar com os habitantes do celeste imperio.

Francisco Xavier, embarcando no Japão para ír á India, aportou a Sanchoão, onde encontrou um rico negociante e maritimo, fulano Pereira. Communicou-lhe o projecto de penetrar na China, primeiro propondo ao governador da India e ao bispo de Goa, que se enviasse uma embaixada a Pekin, em que elle Xavier fosse. Pereira concordou n'isto, e lhe offereceu inteira confirmação.

Xavier seguiu para Goa. Approvado o seu projecto pelo vice-rei D. Affonso de Noronha, e pelo bispo D. João de Albuquerque, foi resolvida a embaixada, e Pereira nomeado embaixador. Este achava-se então no estreito de Sonda, e tinha ajustado reunir-se em Malaca com Francisco Xavier. Assim aconteceu; mas, por malquerenças do governador d'aquella praça, invejoso de o não terem escolhido para embaixador, o navio de Pereira, que os devia conduzir á China, com ricos presentes para o imperador, ficou retido. O apostolo fez quanto pôde para demover o governador do seu máo proposito; porém, sendo tudo vão, resolveu partir sósinho para Sanchoão, e lançar-se aventuradamente em qualquer porto das costas da China.

Sanchoão era ilha quasi inculta e deserta, distante apenas umas trinta legoas da terra firme. Uma vez em cada anno, durante a estação do commercio, reuniam-se os negociantes portuguezes nas margens d'aquella ilha, e levantavam temporariamente algumas barracas e cabanas para se abrigarem. Concorriam tambem alli os commerciantes do continente e da proxima cidade de Cantão; mas logo que terminavam as trocas e negocios, se retiravam, tanto os chins, como os portuguezes, destruindo as frageis habitações fabricadas, porque não era permittido aos estrangeiros edificar moradas permanentes no territorio chinez.

Esta especie de feira annual passou depois a fazer-se no logar chamado Macau, na extremidade sudoeste da ilha de Heang-shan, onde só havia praias e rochedos estereis. Ao principio fez-se do mesmo modo que em Sanchoão; mas pouco a pouco foram fixando as habitações, e por fim se formou a feitoria ou estabelecimento de Macau, por consentimento do imperador, como recompensa do assignalado serviço que lhe fizeram os portuguezes, destruindo um famoso pirata que infestava as costas do imperio. Tal se julga ser a origem, ainda que pouco averiguada, da nossa cidade de Macau, que se tornou logo o centro da propaganda christã na China.

Voltaremos a fallar do nosso missionario. Novas contrariedades o esperavam. Ajustára com um negociante chinez vir buscal-o n'um junco para o conduzir a Cantão; mas, pouco conhecedor ainda do caracter dos chins, com demasiada boa fé lhe adiantou o pagamento da passagem, pelo que o cavilloso chim nunca mais appareceu. Já cortado de muitos trabalhos e desgostos, Xavier foi atacado de uma febre violenta, que o levou á sepultura em 2 de dezembro de 1552, na choupana de Jorge Alvares, unico portuguez que n'aquelle tempo permanecia na ilha. O Senhor, satisfeito com os serviços do seu servo, quiz chamal-o a si para o recompensar mesmo á vista d'esse imperio, aonde tanto desejára levar a luz do Evangelho.

Tres annos depois, em 1555, é que permittiu Deus a gloria de penetrar primeiro no imperio chinez, ao nosso celebre escriptor e missionario, frei Gaspar da Cruz, um dos primeiros doze dominicanos que de Portugal foram para a India. N'este começou essa numerosa phalange de soldados de Christo, nacionaes e estrangeiros, que tantos heroes e martyres deu ao christianismo e á egreja portugueza na China.

Pelos cuidados de Jorge Alvares, e de alguns christãos chinezes, que já havia em Sanchoão, foi o corpo de Francisco Xavier enterrado em decente sepultura, onde, quasi um seculo depois, lhe erigiram no gosto chinez a lapida perpendicular, cuja estampa damos com os fac-similes das inscripções gravadas de um e outro lado: as letras chinezas que se vêem no

alto reproduzem o que está escripto em portuguez. A pedra, com a fórma que representa o desenho, tem seis *lis* de altura, dois de largo, e quatro pontos de espessura. O *li* é medida chineza, que corresponde proximamente a tres decimetros.

Verso da lapida.

✝
I H S

AQUIFOISEPUL

TADOS.FRANCIS

COXAVIERDACÕ

PANHIADEIESUS

APLODOORIENTE

ESTE PADRÃO

SELEVANTOUNO

ANNO

1639

Reverso da lapida.

大明

耶穌會士泰西聖人範濟各沙

未爾於

嘉靖三十一年壬子之冬升天

真蹟

崇禎十二年己卯眾會友立碑

AQUIFOI SEPULTADO

SFRAN.CO XAVIER DA

COMPA DE IESUS APLO

DOORIENTE

ESTE PADRÃO SE LEVAN

TOU NO ANNO DE

1639

Este monumento, quasi ignorado de nós, portuguezes, ainda existia ha poucos annos, e proximo d'elle se viam tambem as ruinas de uma capella, que fôra edificada nos mesmos annos em que se consagrára a lapida.

O corpo de Xavier pouco tempo ficou em Sanchoão. Os piedosos christãos d'aquellas eras o fizeram transportar para Malaca, e d'alli para Goa em 1554. Um seculo depois, em 1655, foi collocado no magnifico mausoleo, cujo desenho damos na primeira pagina. Foi dadiva de um grão-duque da Toscana, e jaz n'uma capella da egreja do Bom Jesus, em Velha Goa.

É o mausoleo formado de tres corpos ou socalcos quadrilongos: o primeiro tem seis palmos de altura, vinte seis e meio de comprido, e treze de largo; os outros dois vão diminuindo em dimensões. São todos de finissimo jaspe de varias côres, contendo muitos ornatos de anjos, cherubins, relevos, etc.; alguns d'alabastro, e tudo perfeitamente acabado.

Em cada uma das quatro faces do segundo plintho, ha uma lamina de bronze, representando em alto relevo e figuras quasi destacadas do fundo, as mais notaveis passagens da vida do Santo. A lamina da cabeceira o representa na praia da ilha Sanchoão, estendido na choupana de Jorge Alvares. Todos estes relevos são de grande merito artistico, e por ventura a obra prima d'este famoso monumento.

Sobre o terceiro plintho assenta o caixão, forrado exteriormente de prata aberta em lavores sobre veludo carmezim, formando trinta e dois pequenos quadrados ou laminas, representando em relevo varios milagres e acções do santo.

Na borda superior do caixão ha dezeseis anjos de prata, e n'outras posições seis pinhas grandes e algumas pequenas, tambem de prata, adornadas com flores douradas e guarnecidas de brilhante pedraria. Ha segundo e terceiro caixão interior, e no ultimo está o corpo do Santo, que antigamente se expunha com frequencia á vista dos fieis, o que pela ultima vez se praticou em 1782.

Pendem diante do tumulo quatro grandes alampadas de prata, faltando oito similhantes, que foram para a casa da moeda: as quatro pesam 305 marcos, e 600 o forro do caixão acima referido.

Pertenciam mais a este monumento varios objectos de ouro e prata de muito valor intrinseco, e de grande primor artistico, de que o estado tomou conta: restando, porém, ainda alguns de muita valia, parte d'elles ornando a imagem em grande vulto do Santo, que é de prata massiça, e está no altar fronteiro ao tumulo, que deita para o cruzeiro da egreja.

A capella onde jaz este mausoleo, é interiormente ornada de ricas douraduras, obras de talha, e pinturas em vinte e sete quadros, representando passos da vida de Xavier, sendo alguns de grande vigor e frescura de tintas. Passam por ser de merecimento e de eschola italiana. Sobre a porta d'esta capella, do lado exterior, ha um quadro a meio corpo, que dizem ser o fiel retrato do Santo, feito na Asia á sua chegada da Europa.

Desde 1683 é S. Francisco Xavier o protector do estado de Goa. N'aquella epocha o governador, conde d'Alvor, vendo-se em apertadas circunstancias, por invasão de inimigos, entregou o bastão e a auctoridade ao Santo. Effectivamente o estado foi salvo. Os governadores vão hoje tomar posse á egreja do Bom Jesus, e alli trocam o seu bastão da governança pelo do Santo.

S. Francisco Xavier morreu de cincoenta e cinco annos, dos quaes passára na Asia pouco mais de dez. Calcula-se ter percorrido lá umas trinta e tres mil legoas, e baptisado para mais de trezentas mil almas. Em 1622 foi canonisado pelo pontifice Gregorio XV. Varios auctores tem escripto da sua vida, como Ribadeneira, o nosso Lucena, D. Pedro d'Avila, e outros.

C. J. CALDEIRA.

EL-REI D. MANOEL E A SUA EPOCHA.

O senhor rei D. Manoel, que, na phrase dos chronistas, *fez nadar em ouro o reino, e quasi chover em Portugal perolas e diamantes*, tinha o segredo de ser forte, sem fazer-se temido. N'elle, a grande arte de reinar consistia na arte de agradar, e todo o seu governo foi, para os portuguezes, fonte de regozijos. Corra-se a historia, difficilmente se acharão assim conjunctos e irmanados, em um mesmo sujeito, o fausto do potentado, com o tratar lhano, facil e convivente do simples cidadão; a magestade e grandeza do rei de Portugal, com a elegancia e cortezia do affavel duque de Beja.

Ao vel-o saír do palacio, trajando um luxo asiatico, precedido de elephantes, ao som de atabales e charamelas, e seguido da mais luzida corte, dir-se-hia ser um conquistador, que marchava em triumpho ao capitolio. Conquistador era; mas dirigia-se á rua nova dos Mercadores, para se apear na loja de um seu compadre, e alli, sentado á vista de quem passava, dispender um pedaço da tarde a praticar no estado do commercio, e que saída tinha o cravo de Borneo, a pimenta de Travancor, ou a canela de Ceilão. Perante *o Senhor da Conquista e Navegação* (1) desfilavam, nos hombros do Tejo, as destemidas frotas, endereçadas a descobrir novos cabos e oceanos; em as vendo saír a barra, tornava-se prazenteiro ao paço, onde levava grande parte das noites dançando com a rainha sua mulher, e as infantas suas filhas, de mistura com os familiares da corte. Agora dictava *os Foraes* (2) *e Ordenações* (3), para bem se regerem os estados que lhe eram sujeitos nas quatro partes do mundo; logo escrevia os regimentos da carreira maritima, ordenando que as náos fossem providas de violas e adufes, para distracção dos mareantes. Era assim que, reinando elle, se venciam os elementos e os imperios, a tanger e a folgar. E se do alto do seu throno recebia as pareas que lhe enviavam por Vasco da Gama e Pedro Alvares Cabral os soberanos do Ganges e do Amazonas, d'alli passava, com os mesmos descobridores, a outra sala, onde o estava aguardando um sarão regozijado, e um auto de Gil Vicente.

A quem nos taxasse de exaggerados, diriamos, que isto não são devaneios poeticos; antes, sim, apontamentos historicos.

E como, em regra, a feição predominante de um reinado fique e se perpetue nas memorias que d'elle remanecem, outro tanto se observa nas reliquias d'essa formosa epocha, agora para nós, os conterraneos, de saudosa recordação; um caracter complexo, que lhes é peculiar, sublime e aprazivel; rico de variedade, não monotono, e compassado, reluzindo todo elle um certo ar vivo e animado d'aquelle fino gosto, que os nossos artistas, até esse bom tempo, souberam tão felizmente expressar. Assim o estão demonstrando, além de outras, as edificações dos mosteiros de Nossa Senhora de Belem, e de Jesus, na villa de Setubal; a primorosa Biblia denominada *dos Jeronimos*, a custodia chamada vulgarmente *de Belem*, de que démos noticia no numero passado, a torre, á beira d'agua, da mesma denominação, e o portico, se bem que em nossos dias acephalo, da egreja da Conceição Velha.

As trahições commettem-se muitas vezes mais por fraqueza, do que por um desejo formado de trahir.

(1) Titulos que ajuntou aos de Rei de Portugal, e dos Algarves, d'aquem e d'além mar, em Africa.

(2) Os novos foraes que deu ás terras do reino, de que mandou fazer os cinco livros que se guardam na torre do Tombo.

(3) Vid. Ordenação Manoelina.

HUMBOLDT.

Acaba de morrer Alexandre de Humboldt, o decano dos homens da sciencia, e um dos sabios mais respeitaveis e illustres d'este seculo e do passado. Julgâmos, pois, que será lida com interesse a biographia d'aquelle homem celebre, ha pouco publicada pelo jornal italiano intitulado *Giornale delle arti, e delle industrie*.

« Alexandre de Humboldt nasceu no anno de 1760, em Tegel, paiz situado a duas legoas de Berlin. Foi seu pae um d'aquelles fidalgos prussianos, que offereceram todos os seus haveres a Frederico Magno, para as despezas da guerra dos *Sete Annos*. Sua mãe pertencia a uma d'aquellas colonias francezas, que emigraram para a Allemanha em consequencia da revogação do edicto de Nantes, e que em terra estrangeira conservavam com religioso escrupulo a lingua da mãe-patria.

« O moço Humboldt completou a sua educação classica debaixo da direcção de Forster, companheiro de Cook e naturalista das expedições d'este distincto viajante; ao lado de seu irmão Guilherme de Humboldt, philologo de fama, estudou na theoria e na pratica a arte de mineiro, e na eschola de Freyerberg fez taes progressos em physica, chimica, mineralogia, technologia, e astronomia, que, aos vinte e tres annos de edade lhe foi incumbida a direcção das minas situadas nas montanhas de Fichtelgebirge.

« Mas já n'elle predomina o gosto de viajar. Visita rapidamente a Hollanda, a França, a Inglaterra, e publica em dois volumes a narrativa das suas excursões pelo Rheno. De volta a Gottinga, applica-se ao estudo da anatomia pratica, ás analyses chimicas mais delicadas e minuciosas, e publica as suas investigações sobre a germinação e respiração das plantas, a composição do ar e a irritabilidade das fibras nervosas produzidas pelo galvanismo. Para dar toda a possivel certeza ao resultado das suas investigações, executa em si mesmo as mais dolorosas experiencias, e por meio de vesicantes levantou a pelle, camada por camada, a fim de pôr em contacto immediato, com o agente irritante, as partes mais sensiveis do organismo.

« Estas operações vão preparando Humboldt para um dia poder desempenhar cabalmente a missão, a que estava destinado, de tornar conhecido o mundo physico. As suas vistas não cessam de se dirigir para a Asia meridional, berço do genero humano. Concebe esperanças de ser addido á expedição que Bonaparte leva ao Egypto, e poder chegar, pela terra dos Faraós, até á India; mas o governo responde com uma negativa formal. Os obstaculos servem só para lhe augmentar os desejos de viajar. Vendo fechar-se-lhe o Mediterraneo, a Asia e a Africa, resolve-se a atravessar o Oceano, e ír até á America. Parte immediatamente, e no espaço de cinco annos (de 1799 a 1804) explora os cumes agigantados, e os formidaveis volcões das Cordilheiras, as planicies que entre elles se dilatam, e os rios que nascem em suas profundas gargantas. Visita tambem as principaes ilhas do golfo do Mexico; e traz, no seu regresso para a Europa, immensos e preciosos materiaes para os seus futuros trabalhos.

« Chega a Paris, sua segunda patria, para descançar da viagem, e publicar o fructo de suas sapientes pesquizas. Laplace, Berthollet, Jussieu, Cuvier, Arago, Bronguiart, Gay-Lussac, Ténard, Biot, o recebem como a um irmão, que se mostra digno de taes celebridades. Dividindo os seus trabalhos entre o gabinete de Cuvier, e o laboratorio de Gay-Lussac, publica innumeraveis e importantes escriptos sobre variados assumptos, taes como a anatomia

da larynge das aves, da lingua e do coração do cocodrillo; a analyse chimica dos gazes contidos na bexiga natatoria dos peixes; indagações sobre a respiração aquatica; observações de cyanometria feitas a 6.000 metros acima do nivel do mar, sobre o monte Pichincha ou o Chimboraso; descripções de plantas, e de animaes, até então desconhecidos; depois uma *Tentativa politica sobre a Nova Hespanha*, e finalmente os *Quadros da Natureza*, paginas eloquentes, nas quaes com o estilo que faz lembrar o de Buffon, procura tornar intelligiveis a toda a gente as grandes questões da sciencia, e fazer comprehender as magnificencias da creação nos tropicos.

«No meio d'esta vida tão occupada nas sublimes concepções da sciencia, Humboldt não punha de parte os seus projectos formados na juventude. Para os realisar, parte para Inglaterra acompanhado de Valenciennes, com o fim de alcançar as facilidades necessarias para se transportar ás Indias. Apesar do bom acolhimento que recebe de Frederico Guilherme, e da munificencia régia com que este toma sobre si todas as expensas da expedição, Humboldt não póde levar o seu projecto ávante, porque a invejosa e avara politica da Inglaterra não lhe dá licença para explorar aquella parte do mundo, que ella considera como dominio seu.

«Humboldt já conhecia por experiencia o mesquinho egoismo d'aquelle governo. Quando estivera na America, tinha mandado para a Guadelupe a sua collecção geognostica, composta de mineraes e de rochas que elle tinha ido buscar até ao cume dos Andes. Os inglezes lançaram mão d'ella, e trasladaram-n'a para a Inglaterra, onde, parte está adornando as galerias do museu britannico, e parte sepul-



Humboldt. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Coelho Junior.

tada nos armazens subterraneos d'aquelle estabelecimento. As mais vivas requisições do legitimo proprietario d'aquellas preciosidades geologicas foram baldadas, sem que elle pudesse nunca rehaver o que tinha adquirido a custo de tantos perigos, e tanta lida.

«Chamado a Berlin por negocios instantes, Humboldt foi acolhido com estima e admiração pelos seus conterraneos; mimoseado com favores e distincções por Frederico Guilherme, que sempre o havia tratado como a um amigo. Então foi que o illustre viajante, n'um curso publico mais completo do que o que fizera em Paris, apresentou um quadro dos conhecimentos humanos sobre a physica geral do globo; e as suas lições deram tanto brado, que as classes mais distinctas da sociedade se congregavam em torno do grande mestre, que, ao descrever os maiores phenomenos da natureza em os dois hemispherios, podia a cada passo dizer: Com meus proprios olhos os vi.

«Em 1829, afagou outra vez a esperança de pisar aquella terra da Asia, como havia constantemente ambicionado em toda a sua vida; porém, offerecendo-se-lhe os mesmos obstaculos por via da Inglaterra, assentou em dirigir as suas viagens e observações para a Siberia e a Asia central. Mediante a protecção de Frederico Guilherme, o seu projecto foi recebido favoravelmente pelo governo russo, que contribuiu para os gastos, e lhe commetteu a direcção da empreza. Póde finalmente Humboldt estabelecer as suas comparações entre a Asia e a America, os steppes de Obi, e os pampas do Brasil, as planicies elevadas do Altai, e os lhanos das Cordilheiras; e quando regressou á Europa, deu successivamente á luz os seus *Fragmentos asiaticos*, e a sua *Asia central*, obras em que, revelando grande nu-

mero de factos relativos á geologia e á climatologia d'aquella parte do mundo, o auctor esclarece de um modo novo as mais principaes questões da physica geral.

« A contar d'este praso, Humboldt pareceu renunciar ás expedições longinquas: exercitou na patria a sua grande actividade, e com seus sapientes conselhos ajudou a levar a cabo as maiores obras scientificas. Por influencia d'elle se via a Prussia enriquecida de estabelecimentos magnificos; se erigiram o *Thiergaten*, e o *Pfauninsel*, de Berlin; se plantaram vastos hortos botanicos; e se fundou em Charlotenburgo aquelle observatorio magnetico modelo, no qual o ferro e o aço em toda a parte são substituidos pelo cobre, para que não possa haver erro nas observações.

« No fim de 1806 tinha-se Humboldt occupado especialmente do magnetismo terrestre, e com as observações de grande numero de noites e dias, consecutivamente feitas, em vez de um systema de observações isoladas e interrompidas, havia conseguido comprehender com clareza e descobrir o phenomeno de perturbações particulares da agulha magnetisada. Depois, com os estudos de Arago, e os bellos descobrimentos de Œrstedt, não se póde mais duvidar da existencia de verdadeiras tempestades magneticas.

« Em 1829, durante a sua peregrinação pela Asia septentrional, Humboldt indicou os pontos mais adequados ao estabelecimento de estações magneticas, e o governo russo cuidou logo em seguir as suas sabias indicações. Ao diante, a França, a Suecia, a Italia, e a Alemanha, acudindo ao chamado do illustre viajante, formaram uma associação magnetica, tendo Gottinga por centro. Pelo mesmo tempo, a Inglaterra, que até 1836 se havia conservado estranha áquelle movimento scientifico, deu attenção ás vozes do sabio prussiano. O capitão Ross foi então incumbido de fazer observações no hemispherio austral; levantaram-se observatorios magneticos no Canadá, em Santa-Helena, no Cabo da Boa-Esperança, na ilha Mauricia, em Ceylão, na Australia, e todo o globo ficou, por assim dizer, coberto e enlaçado de uma rede, cujas malhas tinham sido todas urdidas pela mão de Humboldt.

« O illustre patriarcha da sciencia contava noventa annos, e causa admiração o saber que possuia a mesma actividade intellectual, e sentia ainda o mesmo prurido de se instruir que experimentava no verdor dos annos. Sempre indagador da verdade, acceitava-a de qualquer parte que viesse demonstrada.

« Bem differente d'aquelles falsos mestres da sciencia, que levantam uma barreira entre si e os entendimentos vulgares, para se cobrirem de importancia, Humboldt era accessivel a quem quer que lhe desejasse mostrar o menor facto interessante e novo. A sua ultima e grande obra, o *Cosmos*, da descripção physica do mundo, é o resumo da sua immensa doutrina. Se em cada uma das sciencias que tratou, se na chimica, na botanica, na geologia, na zoologia, fica abaixo de Lavoisier, de Jussieu, de Buch, e de Cuvier, como viajante e como physico do globo, ninguem lhe póde disputar uma honrosa primazia, ao lado d'aquelles reis da intelligencia. »

Até aqui o biographo italiano.

Não sabemos até que ponto seja verdade que o governo inglez puzesse sempre embargos á viagem de Humboldt até ás Indias; mas, se devemos acreditar piamente o jornal italiano, não poderemos deixar de envolver na mesma censura o governo francez, por haver impedido ao illustre prussiano o ir ao Egypto com a expedição de Bonaparte. O transporte da collecção geognostica, da Guadelupe, e a sua retenção no museu britannico, sem o consentimento do verdadeiro dono, antes contra sua vontade, e a despeito das suas requisições, é tambem cousa que nos maravilha, e que muito desejâmos ver negada ou confirmada por pessoa authentica. Sabido é que o governo inglez tem mandado gente, com grande dispendio, a explorar a Africa e a Asia, e não tem contribuido pouco, n'estes ultimos tempos, para o adiantamento dos conhecimentos geographicos: parece portanto incrivel, que a não ter motivo poderoso, deixasse de se aproveitar dos serviços de Humboldt, serviços que a Russia, para credito seu, não quiz nunca desprezar. A Inglaterra conhecia e apreciava o grande saber do illustre viajante, e se o seu governo, em tempos menos pacificos, o não soube attender, os seus homens illustres de hoje curvam a cabeça diante da estatua de Humboldt. Lá se vê essa estatua, no *Palacio de Cristal*, entre a do medico Hufeland, que foi appellidado o Nestor dos praticos allemães, e a do philologo Hermann, a quem Goethe dava o nome de verdadeiro sabio, e que ainda vive, na edade de 89 annos. Humboldt morreu de 90, ás 3 horas da tarde do dia 6 de maio de 1859. Havia nascido em 1769, e não em 1760, como talvez por erro typographico se vê na biographia acima reproduzida.

Humboldt mostrou sempre sympathias para com a França; muitas das suas obras foram por elle publicadas em francez; por isso a França lhe vae levantar uma estatua nas gallerias de Versailes. Assim o propoz o ministro Fould, assim o decretou o imperador.

Em Portugal não se levantam estatuas, nem mesmo aos portuguezes que as merecem.

PEDRO DINIZ.

A MULHER

NAS DIVERSAS RELAÇÕES DA FAMILIA E DA SOCIEDADE.

(Paginas vertidas dos *Apontamentos para um Livro*, de D. Severo Catalina).

III.

O AMOR.

VII.

É um erro acreditar que a amizade para as mulheres é um affecto differente para os homens.

N'este ponto ha opiniões encontradas. Tratando-se da mulher, julgam uns que a amizade é quasi sempre a jubilação do amor; outros suppõem que é a amizade o noviciado do amor.

Uns dizem que é mais facil ver o amante degenerar em amigo, do que ver o amigo degenerar em amante.

Os primeiros acrescentam: amor que dá logar á amizade, não é amor; os segundos replicam: mulher que offerece a sua amizade ao que lhe pede amor, indica que sabe logica; quer proceder com methodo.

Eis-aqui uma questão em que é de todo o ponto impossivel conciliar os pareceres; estriba-se na intelligencia dos vocabulos; vem a ser uma questão de palavras.

O amor não correspondido, isto é, o amor *uni-lateral*, fórma uma classe á parte; classe respeitavel, como o é sempre o infortunio; a classe cujos membros poderiam receber o nome de *invalidos do amor*.

Disse grande verdade o que affirmou que o amor e o namorado costumam viver em constante redouça.

Quit suit amour, amour le fuit;
Quit fuit amour, amour le suit.

Contra esta horrivel desgraça não cabem regras nem apreciações; talvez alludisse a este caso o insigne poeta, auctor dos versos supracitados; se é assim, reconciliamo-nos com o pensamento que encerra, e applaudimol-o.

O que nunca poderemos applaudir é o excesso de affectação varonil em certas mulheres, e o excesso de ternura simulada em certos homens.

Por isso, as mulheres que mais blasonam de invulneraveis aos tiros do amor, parecem-se ás crianças, que, quando andam sós e de noite, cantam de medo.

Os homens que mais carregam as côres da sua ardente paixão, conseguem as mais das vezes pintar uma ridicula caricatura: declaram-se vulgares.

Quando não medie uma paixão violenta, adquirida nos primeiros annos da juventude, é maxima incontestavel que a mulher de talento nunca se enamora do homem vulgar. E os homens vulgares abundam mais do que ordinariamente se pensa.

É symptoma de vulgaridade nos homens o repetir a todo o momento os seus protestos de amor.

Como se não fosse de todos sabido, que taes protestos costumam ser a moeda falsa com que se pagam os sacrificios do amor.

Beauchêne escreveu-o: a mulher a quem mais se ama é aquella a quem menos se diz.

O amor mais affluente é quasi sempre o amor dos mais nescios.

O homem nescio é calamidade para a mulher de talento: a mulher de talento é ao mesmo tempo calamidade para o homem de coração, que aspira ao seu carinho. Ha, todavia, notavel differença entre as duas calamidades: a primeira é incuravel, perpetua; a segunda é transitoria, e póde ser manancial de ditas e de ventura.

Toda a sciencia do homem habil, verdadeiramente enamorado, é fazer que o coração da mulher sorria, e os seus olhos vertam lagrimas.

Comtudo, não se deslembrem os homens de que a primeira lagrima de amor que fazem derramar é um diamante, a segunda é uma perola, a terceira uma lagrima.

Se um homem sentir que lhe assoma ás palpebras o pranto do amor, chore sem córar.

Los que no lloran son almas
sin fé, sin amor, sin jugo.

Estes dois versos do nosso prezadissimo amigo Rubi encerram um poema de ternura.

Como encerra um mar immenso de desconsolação a seguinte maxima do nosso distincto amigo Theodoro Guerrero:

«O amor é um poço de agua cristallina; porém a humanidade se dá tal sestro, que o revolve, e tira-lhe do fundo só o lodo.»

Com licença do elegante *anatomista do coração*, aonde diz *a humanidade*, teriamos posto: *a mocidade velleidosa e descrente do seculo* XIX.

Parece-nos isto mais exacto. *Amicus Plato, sed magis amica veritas.*

VIII.

E visto que fallámos de Platão, digamos quatro palavras ácerca do amor a que deu nome.

Um auctor, não nos lembra qual, chama ao amor platonico *o véo da insufficiencia.*

Isto não o entenderá por ora o leitor com certeza; tambem confessâmos que o não entendemos.

São os sentidos corporaes os unicos elementos do amor?

Aqui dividem-se as escholas; estamos em plena philosophia.

Duas seitas nos sáem a caminho: a dos *sentimentalistas*, e a dos *sensienistas.*

Para os primeiros, é o amor o enlace invisivel de duas mãos.

Os primeiros partem da idéa; os segundos da impressão. Os primeiros costumam perder a cabeça e conservar o coração; os segundos costumam perder o coração e conservar a cabeça.

Os primeiros são agua que se evapora; os segundos são agua que regela; os primeiros amam o que desejam; os segundos desejam o que amam.

Os primeiros são homens de *sentimento*; os segundos são homens de *sensação.*

Uns olham para o ceo; os outros olham para a terra.

Em litteratura, aquelles são a poesia, estes a prosa; em philosophia, aquelles representam o ideal, estes o real.

Aquelles, em fim, dando tudo á intuição, pensam com o pensamento, desprendem-se dos sentidos; são discipulos de Platão. Estes, fiando tudo á percepção material, pensam nas sensações, fazem dos sentidos vehiculos de todas as idéas: são aristotelicos.

Concedâmos, pois, que Platão foi mais feliz do que Aristoteles; uma raça de amantes tomou-lhe o nome; até nas ultimas classes da sociedade se ousa fallar de amor platonico.

Basta de philosophia, e façâmos alguma applicação.

O platonismo é a timidez? — Se não é, parece-se muito.

O platonismo é a inaptidão? — Se não é, póde confundir-se com ella muita vez.

Qual será, pois, o amor platonico em toda a sua philosophica verdade? — O amor de duas pessoas que nunca se conheceram.

— Insigne vulgaridade! — dirá algum critico.

Desculpe o critico. Não pense que vamos lembrar-lhe o exemplo de D. Quixote, modêlo de namorados; que por ser ao mesmo tempo modêlo de tolos, seria auctoridade contestada pelo critico.

Quem não tem sonhado amor n'este mundo? A quem se lhe não ha affigurado nos palacios da sua phantasia a imagem d'um ente que não viu nunca na terra, e que talvez a Providencia ponha um dia em seu caminho?

Quem não tem amado com toda a pureza do seu coração um ente que não se veste da nossa roupagem, que não falla idioma humano, que fluctua invisivel pelo espaço, que suspira no murmurio da fonte, geme no vento da noite, chora no orvalho dos campos, sorri nos resplendores da aurora?...

— Poesia, poesia! illusões, illusões! — repetirá o critico agastado.

E tem razão: adivinhou a fórmula.

Essa poesia, essas illusões são precisamente o que constitue o *amor platonico.*

IX.

Post-scriptum.

«Quando recebais a carta d'uma mulher, lêde immediatamente o *post-scriptum*; se o não tiver, lêde a ultima linha: ahi está o pensamento capital de toda a carta.»

Disse-o uma mulher; lá tem suas razões.

Não é isto sollicitar para as ultimas linhas do presente capitulo maior attenção, nem offerecel-as como synthese do difficilimo tratado do amor.

Citámos a maxima por simples razão de congruencia; citâmol-a, porque nos propômos apreciar rapidamente *as cartas d'amor*; e a synthese de taes cartas é de ordinario o *post-scriptum.*

Por isso escrevemos esta palavra ao começar as

nossas apreciações; não como appendice ao anterior, senão como ante-occupação, resumo anticipado do posterior.

Os sabios tem discutido o seguinte quesito: convem que as mulheres saibam ler e escrever? — E que *bocadinhos* tão lindos hão dito os sabios ao discutir essa these!

Respeitâmos os sabios até ao humbral da veneração; por isso abstemo-nos hoje de os chamar a juizo, em nome da justiça e da verdade.

Talvez que algum d'esses mesmos sabios escrevesse na sua mocidade tratados de floriscultura a tal ou qual Galathea desdenhosa, ou Marcia namorada, ou Cloris ingrata.

O mal não está em que esses tratados se escrevessem n'aquelles tempos, em que os apaixonados de Gongora, e os discipulos de Churriguera declarassem hostilidade aberta ao bom gosto litterario e ao artistico; o pessimo é que se reproduzam hoje, no seculo do vapor e da politica, da illustração e do *puff*.

Porque, forçoso é confessar que, se algum genero de litteratura se acha entre nós desgraçadamente atrazado, é o genero *erotico-epistolar*.

Tratando-se de cartas de amor, não ha meio termo: ou são sublimes ou ridiculas; é verdade que, segundo declaram os livros de esthetica, o mais proximo ao sublime, *avançando*, é o ridiculo.

Um amor que, *entre presentes*, se declára por escripto, vae muito adiantado para ficar a meia correspondencia.

Não fallemos do amor que se declara em verso; as mulheres em pouco estimam um artificio, cuja virtude, se ha necessidade d'um consoante em *oria*, baptisam-as de *gloria*; e se foi masculina a terminação, chama-as *purgatorio*.

Amor que se revela em *romance* é difficil que deixe de ser amor *romantico*.

A doce poesia d'um amor puro e honesto não carece de metro nem de rima.

Toda a rima e todos os consoantes são de si inefficazes para produzir sequer um atmo de verdadeira poesia.

É maxima comprovada pela experiencia, que o amor faz nescios os discretos, e discretos os nescios.

Quando falla o coração, estão inuteis as regras da rhetorica. Momentos antes, não sabe o coração o que a intelligencia váe escrever; momentos depois, não sabe a intelligencia o que escreveu o coração.

Cada vez nos parecem mais ridiculos esses formularios de estilo epistolar, a que já n'outra occasião nos referimos.

As cartas de amores, salvo nos casos de estado excepcional, só se concebem e podem tolerar-se *entre ausentes*.

Não nos recordâmos de qual auctor aconselha aos namorados a correspondencia frequentissima; porém, lembramo-nos de que apoia o seu conselho n'estes ou mui parecidos termos: a mulher que vos ama e de quem vos afastaes, contará ao principio por minutos o tempo da vossa ausencia; se não lhe escreveis, começará depressa a contal-o por dias; um pouco mais tarde contal-o-ha por semanas; logo por annos; depois... não o contará: terminará a conta com o *zero* do esquecimento.

Em rigor de justiça, este raciocinio não é applicavel a todas as mulheres, nem tão pouco á maioria d'ellas. Não nos atreveriamos a dizer o mesmo, se a mencionada escala se referisse aos homens.

Nós que concebemos a paixão entre duas pessoas *presentes* que nunca fallaram de amor, concebemol-a tambem entre *dois ausentes* que jámais escreveram de amor.

Dissemos que a concebemos, que a julgámos possivel: não se entenda, comtudo, que a temos por provavel, e muito menos por frequente.

Aos tres mezes de ausencia, prescreve a fé jurada, segundo se lê no codigo do amor.

Insigne arbitrariedade!

A fé jurada não póde, não deve prescrever. Suppomos que n'esse codigo faltará um artigo, cuja letra seja: « A correspondencia escripta interrompe a prescripção; » porém, ainda assim, é de todo inacceitavel aquella lei.

Não somos tão injustos que condemnemos as cartas de amor pelo abuso que d'ellas, no dizer do vulgo, costumam fazer alguns amantes, n'um excesso de calor ou n'um excesso de frio.

Nada mais se afasta do nosso proposito; todavia, por termo d'este capitulo, dirigimos ás nossas estimaveis leitoras uma advertencia, que não está distante de parecer um conselho.

Convem que as mulheres amem muito, porém honestamente; e escrevam pouco, mas de longe em longe.

(*Continúa*).

BRITO ARANHA.

Nada é impossivel; ha caminhos que nos conduzem a todas as cousas.

Se tivessemos muita vontade, teriamos sempre meios.

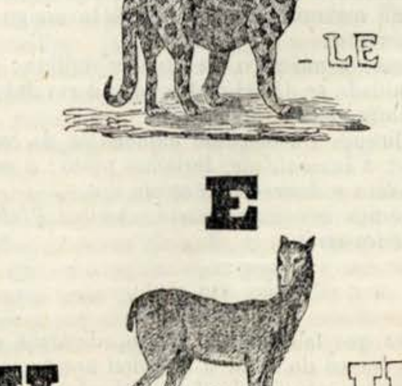
Os bons exitos dependem algumas vezes da pouca reflexão; porque a reflexão leva-nos quasi sempre a deixar de emprehender muitas cousas que a inconsideração alcançaria.

Nas primeiras paixões as mulheres amam o amante, e nas outras o amor.

O signal que mais profundamente caracterisa as grandes qualidades, é a ausencia da inveja.

A paixão converte muitas vezes um homem habil n'um louco, e um asno n'um homem habil.

ENIGMA.



LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 F